

**LOUISE BARBOSA LOBO  
NATÁLIA BOTELHO DA SILVA**

**CICLISMO: MULHER E SOCIABILIDADE EM BELÉM DO PARÁ AO FINAL DO  
SÉCULO XIX**

**BELÉM- PA**

**2021**

**LOUISE BARBOSA LOBO  
NATÁLIA BOTELHO DA SILVA**

**CICLISMO: MULHER E SOCIABILIDADE EM BELÉM DO PARÁ AO FINAL DO  
SÉCULO XIX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física, do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Douglas da Cunha Dias.

Coorientadora: Prof<sup>a</sup> Esp. Verônica Moreira Souto Ferreira

**BELÉM - PA**

**2021**

**LOUISE BARBOSA LOBO**

**NATÁLIA BOTELHO DA SILVA**

**CICLISMO: MULHER E SOCIABILIDADE EM BELÉM DO PARÁ AO FINAL DO SÉCULO XIX**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Douglas da Cunha Dias  
Universidade Federal do Pará – UFPA - Orientador

---

Prof. Dr. Wellington da Costa Pinheiro  
Universidade Federal do Pará – UFPA – Examinador

---

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Esp. Verônica Moreira Souto Ferreira  
Coorientadora

**Conceito:** \_\_\_\_\_

**BELÉM - PA**

**2021**

*Dedico este trabalho à memória de Evaldo Lobo, avô atencioso e dono dos sorrisos mais doces, que não pôde presenciar esta conclusão de ciclo, mas está assistindo de um lugar mais bonito.*

Louise Barbosa Lobo

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Nailson e Lucimary, que sempre deram seu melhor para me agraciar com uma educação adequada que me fizesse chegar onde estou hoje.

Ao meu irmão, Lucas, que mesmo nos dias mais difíceis conseguia me trazer um sorriso ao rosto.

Ao meu noivo, Matheus, que com muita paciência esteve comigo nessa jornada, dando-me forças quando eu já havia desistido.

Aos meus colegas de curso, que dividiram comigo as dores e os amores da graduação, em especial Mariana e Yancka, que foram duas pessoas extraordinárias e se tornaram amigas para a vida.

Ao orientador Douglas que deu seu melhor para que este trabalho pudesse ser apresentado de forma adequada mesmo em um momento tão complicado como esse que vivemos.

Ao grupo musical BTS que com suas canções acolhedoras me fez acreditar em mim mesma.

Aos amigos e familiares que de uma forma ou outra sempre me encorajaram e me deram apoio e suporte para concluir minha graduação.

Dedico este trabalho a todos aqueles que lutam diariamente para vencer seus medos, dores, dificuldades e os pensamentos que tentam nos aprisionar. Muitas vezes nos tornando reféns de nossas fragilidades, busquem ajuda, não desistam de si mesmos.

Natália Botelho da Silva

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família, em especial aos meus pais, Nazaré e Elias por todo o suporte que sempre me deram, pela dedicação e investimentos na minha educação e por todo o seu amor e incentivo. Também a Mariely, minha irmã e grande amiga por sempre acreditar em mim, me encorajar, ser paciente e me apoiar nos dias difíceis.

Minha gratidão aos meus amigos de trabalho, de vida e aos que fiz durante a graduação por me iluminarem com palavras de esperança e incentivo para que eu não desistisse.

Agradeço imensamente a todos os professores que eu tive durante a minha vida escolar e acadêmica por terem despertado em mim a vontade de me tornar muito mais do que uma professora que leciona o conteúdo de uma disciplina, mas sim transcender esse padrão e ser uma formadora de opiniões e incentivadora de pessoas e sonhos.

Minha eterna gratidão ao meu professor e orientador Douglas, que foi o principal responsável pela realização desse trabalho. Sem sua empatia e diálogos que por vezes me tiraram de momentos de crise eu possivelmente teria desistido de concluir essa graduação.

E por fim, quero agradecer a Deus, aos espíritos de luz e a todo o divino que me rege por me manter de pé e renovarem a fé em mim mesma, ainda que nos meus dias mais escuros e nos momentos em que pensei em desistir de tudo. Grata por toda iluminação.

## Resumo

O recorte histórico-temporal da pesquisa foi a cidade de Belém do Pará, entre as décadas de 1870 e 1890, período que abrange parte da belle époque amazônica. Elegendo a mulher belenense como sujeito da pesquisa, adotou-se o ciclismo qual fio condutor, objetivando compreender essa prática como partícipe da inserção daquelas mulheres no mundo das sociabilidades próprias de uma dinâmica de urbanização em curso. A pesquisa foi de caráter histórico-documental, e sua metodologia implicou a definição do acervo, bem como a seleção, catalogação, manuseio e análise das fontes documentais, a saber, jornais belenenses do período aqui evocado. Discutiu-se formas de sociabilidade da mulher belenense a partir dos anos de 1870, culminando com a chegada do ciclismo na cidade e a participação da mulher nos primórdios dessa prática. Concluiu-se que a inserção da mulher no ciclismo enquanto sociabilidade ocorreu, inicialmente, sob a forma de espectadora e, em um segundo momento, como participante de passeios ciclísticos, para então, por fim, apresentar-se sob a condição de atleta.

**Palavras-chave:** Belém do Pará. Belle Époque. Ciclismo. Bicicleta. Mulher.

## **Abstract**

The historical-temporal focus of the research was the city of Belém do Pará, between the decades of 1870 and 1890, a period that covers part of the Amazonian Belle Époque. By choosing belenense women as the subject of the research, cycling was adopted as the guiding thread, aiming to understand this practice as a participant in the insertion of those women in the world of sociability inherent to an ongoing urbanization dynamic. The research was of a historical and documentary nature, and its methodology implied the definition of the collection, as well as the selection, cataloging, handling and analysis of documentary sources, namely, belenense newspapers from the period mentioned here. Were discussed forms of sociability of the woman from Belém from the 1870s, culminating with the arrival of cycling in the city and the participation of women in the beginning of this practice. It was concluded that the insertion of women in cycling as sociability occurred, initially, in the form of spectator and, in a second moment, as a participant in cycling tours, and then, finally, presenting themselves as an athlete.

**Keywords:** Belém do Pará. Belle Époque. Cycling. Bike. Woman.



## **PREÂMBULO: UMA PESQUISA QUE SE ANUNCIA**

Ao final da década de 1890, algumas damas da sociedade da cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará reuniram-se para um animado passeio ciclístico, que pode ter sido o primeiro momento dessa prática entre as mulheres daquela capital que naquele momento vivenciava um processo inédito de urbanização, em decorrência das riquezas provenientes do que se costuma denominar de “ciclo da borracha”. Essa urbanização será tratada no decorrer de nosso artigo sob a perspectiva da noção “dinâmica de urbanização”, conforme nos ensina Fraya Frehse, quando essa autora, ao estudar a cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, ao elaborar a referida noção, afirma que a mesma

[...] para além de suas várias acepções [...] é um termo passível de sintetizar adequadamente o conjunto de mudanças socioeconômicas, demográficas, urbanísticas e físicas que a cidade [Rio de Janeiro] atravessa nesse momento [segunda metade do século XIX] como parte de um processo mais abrangente que ocorre também em outras grandes cidades do país ao longo do século XIX. (FREHSE, 2005, p. 45).

Articularemos a noção proposta por Frehse ao sentido de urbanidade, conforme Daniel Roche propõe, ou seja, a urbanidade entendida como processo que abrange e é movido por trocas materiais não menos que por informação, saber e consumo (ROCHE, 2000). Com efeito, urbanidade pode ser caracterizada

[...] pela complexidade das relações sociais que ela contribuía para criar, de um lado diversificando ao extremo as categorias sociais e as maneiras pelas quais elas se reagrupavam [...] de outro lado impondo à constante heterogeneidade do face-a-face social regras mais abertas favoráveis às manifestações do individualismo. [...] A cidade, confrontando os saberes, misturando as ocasiões de ver de outro modo os homens e as coisas, abria o horizonte intelectual até os limites da civilização. (ROCHE, 2000, p. 74-75)

Nesse cenário, aquelas damas da sociedade belenenses, ao pedalarem graciosamente suas bicicletas, integravam-se a costumes ora forjados, e que compunham o diálogo entre as elites e a urbe. Naquele momento, eram vividos tempos de enriquecimento econômico e efervescência cultural em Belém e Manaus, as duas capitais que corporificaram o período que ficou conhecido posteriormente como belle époque amazônica – entre as décadas de 1870 e 1910. Destarte, em meio à invenção de um novo tecido urbano e de uma cultura cidadina até então

inédita, aquela Belém que se imaginava a “‘Petit Paris”<sup>1</sup> encontrou na bicicleta e no ciclismo elementos constituintes. Afinal, a bicicleta nasceu “[...] moderna e veloz, se constituindo em um dos símbolos do progresso e da modernidade na transição do século XIX para o século XX” (SCHETINO, 2008, p. 13-14).

Apesar de o final da belle époque em Belém ter ocorrido no início da década de 1910, o recorte temporal de nossa pesquisa abrangerá o período compreendido entre a década de 1870 e 1890. Pontuamos assim que, ao longo de nosso texto, ao fazermos referência à belle époque, o será tão-somente no período que diz respeito ao tempo delimitado da pesquisa ora em preâmbulo. Apresentado o recorte temporal, importa agora o objetivo da pesquisa: proceder uma análise da presença do ciclismo (à época também denominado “velocipedia”) enquanto elemento que compôs uma dinâmica de urbanização que inseriu a mulher ao mundo das sociabilidades ao final do século XIX. O problema da pesquisa é assim apresentado: como a dinâmica de urbanização inseriu a mulher belenense no universo das sociabilidades a partir do ciclismo no final do século XIX? Com isso, acreditamos que nossa pesquisa possa contribuir para os campos da história cultural e história social, na perspectiva híbrida apontada por Burke (2005). E ainda, e não menos, história urbana, história das mulheres e história do esporte, esse último campo, ainda pouco explorado. Outrossim, a pesquisa, caracterizada como histórico-documental, foi norteada pela História Cultural, no sentido de Burke (2005), implicando três momentos: 1- Definição do acervo; 2- Garimpagem, seleção e manuseio das fontes; 3- Análise das fontes, objetivando problematizar, compreender e descrever os tempos idos próprios do recorte temporal da pesquisa.

As fontes utilizadas foram os seguintes periódicos do período em questão, todos pertencentes ao acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna, setor de microfilmes, do Centro de Convenções Tancredo Neves (CENTUR): “A Província do Pará”: circulou de 1876 a 2001; “Correio Paraense”: circulou de 1892 a 1894; “Diário de Notícias”: circulou de 1880 a 1898; “Folha do Norte”: circulou de 1896 a 1974; “O Liberal do Pará”: circulou de 1869 até pouco após a Proclamação da República; “O Pará”: circulou de 1897 a 1900 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Sobre as

---

<sup>1</sup> Termo adotado por Antonio Lemos, intendente que administrou a capital do Grão-Pará de 1897 a 1912, período que corresponde à belle époque em Belém. Lemos nasceu no Maranhão, em 1843, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1913. Lemos é considerado o idealizador de um projeto que objetivava “europeizar” Belém, tanto no que diz respeito à urbanização da cidade quanto aos usos e costumes de sua população. Sobre Lemos e a belle époque em Belém, ver SARGES (2002; 2010).

fontes, uma observação: os jornais belenenses do final do século XIX aqui evocados foram fundados e dirigidos por homens, com suas páginas sendo escritas também apenas por homens. Queremos destacar com isso que as narrativas voltadas às mulheres do período em questão representam o olhar dos homens daqueles tempos idos, tanto naquilo que transparece nas penas dos cronistas como no que essas mesmas penas procuram tornar invisível. Destacamos também que a escrita da história, ao se propor olhar às mulheres, deve considerar que o conjunto de fontes guarda “[...] uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios” (PERROT, 2008, p. 21).

O artigo é composto por quatro momentos: iniciaremos discutindo um conjunto de transformações ocorridas ao final do século XIX, em especial, no Brasil e em Belém. Em um segundo momento, discutiremos mulher e sociabilidades em Belém, ao final do século XIX. Na sequência, discussões acerca da mulher e do ciclismo em Belém, dentro do recorte temporal da pesquisa. Por fim, as conclusões.

### **SOBRE UM TEMPO EM CREPÚSCULO: NOTAS ESPARSAS**

O século XIX avançava e o capitalismo se impunha de forma acelerada a “[...] todos os países, mesmo os até então mais isolados [prendendo-os aos] tentáculos dessa transformação mundial [...]” (HOBSBAWM, 2002, p. 46). A expansão do capitalismo fez com que, a partir da segunda metade do século XIX, as grandes capitais fossem “[...]varridas por transformações geoeconômicas [e] a ‘revolução urbana’ era um fato sobre-determinado – vivenciado quase inconscientemente” (SENNETT, 2006, p. 261). Nesse contexto, ideais civilizatórios inscreviam-se às mentalidades e aos usos e costumes das mais variadas capitais do ocidente, que se tornaram palco de mudanças e um fervilhar econômico que partia de uma cidade em um “[...] num único movimento convulsivo e irresistível, [que] podia ser entrevisto com pequenas diferenças temporais e variações regionais [...] em Paris ou em Buenos Aires [...] São Paulo, Manaus ou Belém [...]” (SEVCENKO, 1989, p. 42).

Deslocando o foco a um Brasil das décadas finais do século XIX, percebemos que a transição do Império à República implicou um conjunto de mudanças entre as quais, as mudanças na urbanidade das principais capitais, o avanço do capitalismo e a transformação progressiva de mentalidades, impactando em toda a população, a ponto de

[...] afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento de outros seres humanos. (SEVCENKO, 2010, p. 7)

Compondo o amálgama de uma dinâmica de urbanização, impôs-se um modelo normativo de mulher, incluindo formas de comportamento e regras de etiqueta, que atingiram, em um primeiro momento, as filhas das elites brasileiras e, em seguida, as mulheres das classes trabalhadoras, modelo esse caracterizado por um espectro comportamental que incluía desde a castidade até a força do labor (RAGO, 1987).

De forma complexa, a dinâmica de urbanização então imposta à maioria das capitais brasileiras, define como central a presença feminina “[...] no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros, cafés, [exigindo] sua participação ativa no mundo do trabalho” (RAGO, 1987, p. 62). Destaque-se que essa perspectiva rompia com o modelo de mulher que se apresentou ao longo do século XVIII e mesmo no início do XIX, que as limitava “[...] às atividades domésticas. Quando muito estender-se às expressões graciosamente artísticas – o teatro, o piano, o canto, a dança” (FREYRE, 2012, p. 223).

Ao pensarmos as décadas finais do século XIX trazendo a cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará à cena, percebe-se que os ares de uma urbanização ali foram respirados durante a belle époque amazônica. Mas, pontue-se: até as décadas iniciais do século XIX a economia da capital do Grão-Pará pautava-se nas chamadas “drogas do sertão” e na exportação de cacau, algodão e tabaco para a Europa (SARGES, 2010; CANCELA, 2011). Esse quadro é fundamental para que possamos compreender os impactos da economia da borracha sobre Belém, uma vez que essa capital, movida pelo comércio da borracha, passaria de uma pequena cidade encravada na floresta amazônica à por vezes autodenominada “Petit Paris”. Com efeito, a economia da borracha incidiu diretamente sobre a vida banal e o tecido urbano de Belém, levando ao emergir de uma nova elite formada por seringalistas, comerciantes, portugueses, quase sempre, profissionais liberais pertencentes às tradicionais e endinheiradas famílias belenenses, homens do setor financeiro e os membros das velhas elites, agora, adequando-se aos tempos verdejantes, compostas por fazendeiros, donos de engenho e militares de alta patente (CANCELA, 2011; SARGES, 2010). Noutro cenário de um mesmo contexto,

[...] com as construções de obras públicas, surgiu uma nova força de trabalho propriamente urbana, que vai se juntar a outros ofícios urbanos, como alfaiates, sapateiros, relojoeiros, marceneiros e outros. A composição desses grupos expressava a camada pobre da população (SARGES, 2010, p. 125).

Uma próspera Belém do final do século XIX também foi uma cidade que deixou às margens do crescimento econômico a maioria de sua população que, empobrecida e carregando consigo o peso e as marcas da desigualdade social, foi objeto da higienização social imposta por Antonio Lemos. De fato, miséria e riqueza escoravam-se como que a dependerem uma da outra, compondo um quadro rico em contrastes. Os problemas de urbanização e saneamento eram evidentes, e a precariedade cidadina ficava exposta, desdizendo muito daquilo que Lemos insistia em crer, tornar crível e propagar às grandes capitais da Europa, América do Norte e do Brasil.

A belle époque amazônica, no que diz respeito à capital do Grão-Pará, encontrou no período de intendência de Antonio Lemos – de 1897 a 1912 - seu idealizador e mesmo, realizador. Lemos inspirou-se nas mudanças urbanas ocorridas em Paris, idealizadas e lideradas por Georges-Eugène Haussmann, conhecido como Barão Haussmann, no período de 1853 a 1870. Assim, Belém – e Manaus – antecipavam-se às mudanças que o intendente Pereira Passos implantou na cidade do Rio de Janeiro, de 1902 a 1906, e àquelas realizadas por Antonio da Silva Prado e Washington Luís, na cidade de São Paulo, entre 1899 e 1919. De fato, as reformas postas a cabo por Pereira Passos objetivavam

[...] estabelecer uma retórica da sedução pela arquitetura e o urbanismo [para] criar um ambiente de enlevo civilizatório. [...] A ideia era que essa nova disposição arquitetônica e urbanística, realizadora de uma nova escala e proponente de novos valores na cidade, enlevaria o carioca e o permearia com valores da civilização. (AZEVEDO, 2016, p. 299).

Modernização e progresso; a construção de novas mentalidades e de uma nova vida banal; espaços públicos criados para e voltados a sociabilidades inéditas; a cidade como lugar que ocupa e maravilha as retinas – de quem a ela vê e por ela transita; de quem nela é visto pelo outro e ao outro vê: esse é um panorama possível para aquela Belém do final do século XIX. Nesse sentido, o arruamento civilizatório alimentado por Antonio Lemos pressupunha a cidade e seus espaços como lugares dotados de função pedagógica não menos que simbólica.

## **“A GENTIL FILHA DE EVA”: MULHER E SOCIABILIDADES EM UMA BELÉM DO *FIN- DE- SIÈCLE***

Dizia um cronista ao final do ano de 1896, projetando um imaginado século XX, que o futuro reservava às mulheres,

[...] entre as tantíssimas mudanças de costumes, de tendencias e de ideais, a gentil filha de Eva desaparecerá da scena do mundo, obedecendo às novas leis, e desaparecerá transformada pelos hábitos masculinos. O eterno feminino, que desde o principio da vida humana governou sempre o reino da graça, da suavidade e do amor, dentro em pouco não será mais que uma larva: adeus, junquinhos, adeus, rosas, adeus delicados bordados [...] essas mãos, haveis de vel-as maculadas pelo manejo do bisturi anatomico [...] (FOLHA DO NORTE, 14.04.1896, p. 1).

Ao discordar das mudanças de costumes em curso a pena do cronista opõe dois perfis sociais de mulher, defendendo a “gentil filha de Eva” e o “eterno feminino” em oposição às transformações que permitiriam a inserção feminina em esferas dominadas pelos homens, tal qual a medicina, como indica a crônica. O sentido dessa crônica reforça Freyre, quando esse afirma a inserção da mulher na vida social ter ocorrido de forma gradual, a partir de um certo declínio do patriarcado, de modo que só

[...] aos poucos é que foi saindo da pura intimidade doméstica um tipo de mulher mais instruída – um pouco de literatura, de piano, de canto, de francês, uns salpicos de ciência – para substituir a mãe ignorante e quase sem outra repercussão sobre os filhos que a sentimental, da época do patriarcalismo ortodoxo. (FREYRE, 2012, p. 225).

As mulheres da elite belenense saíram da intimidade quase reclusa de seus lares e passaram a frequentar a vida social que compunha as novas mentalidades, naquilo que pode ser denominado de cultura urbana. Em uma Belém de efervescente dinâmica de urbanização, espaços inéditos de sociabilidades encantavam as elites que, avidamente, entregavam-se ao novo. Praças, clubes sociais com salões de bailes, saraus, clubes, teatros, enfim, um tecido urbano, que incluía ruas e avenidas, sendo erguido dia após dia e, com ele, novas mentalidades e sociabilidades que incluía um novo papel a ser cumprido pela mulher. Não mais a inculta ou pouco letrada dona de casa, presa a tal espaço, como apontou Freyre (2012), e sim, uma mulher gentil e bem educada, refinada e elegante, mas uma

mulher de família, margeada pelas exigências morais. Em 1870 dizia-se que o “[...] *theatro Chalet estava literalmente cheio de espectadores, pertencentes á todos os circulos da sociedade paraense, e grande numero de senhoras davão realce á beleza do theatro*” (O LIBERAL DO PARÁ, 05.07.1870, p. 1). Ainda nesse sentido, a presença feminina em bailes carnavalescos realizados nos clubes sociais era incentivada, inclusive, a ponto de ser anunciado que “[...] *todas as senhoras durante os tres bailes do carnaval, tem ingresso franco, quer para ver os bailes quer para visitar o estabelecimento*” (O LIBERAL DO PARÁ, 15.02.1871, p. 3). Por seu lado, uma crônica destaca a presença de várias mulheres na inauguração do Theatro da Paz, destacando que

*[...] as mais bellas e mais distinctas representantes do sexo amavel e amado, as divas do high life paraense, arrastavam pelo salão, com negligente elegancia, as longas caudas, os vestidos de seda côr de rosa ou azul claro, ou de velludo côr de sangue enfeitado de setim gris perle [...] ou ligeiramente encostadas ao balcão dos camarotes pegavam de leve binoculo de madreperola e passavam rigorosa revista critica ás toilettes das outras senhoras. [...]* (O LIBERAL DO PARÁ, 17.02.1878, p. 1).

A estreita relação entre Belém daqueles tempos idos e a Europa evidencia-se com o surgimento de diversas associações culturais, sociedades literárias, sociedades musicais, agremiações, *clubs*, responsáveis por difundir e fortalecer a cultura urbana surgida a partir das elites econômica e intelectual. Os periódicos noticiavam os eventos realizados, inclusive trazendo alguns dos nomes das pessoas mais ilustres presentes, apresentando resumos desses acontecimentos, sempre tendo como referência o nome do pai ou esposo, ditas como “diletas filhas” e “dignas” ou “virtuosas esposas”. Também eram frequentes as propagandas direcionadas às mulheres, com anúncios de grandes lojas vendendo produtos importados da Europa, cosméticos, calçados, bem como oferecendo aulas de piano ou dança. Havia lojas que tinham como principal público as mulheres das elites belenenses. Era o caso da “Formosa Paraense”, ao propagandear que a

*[...] elegância da moda só encontrará o bello sexo ali. Os mais finos e ricos tecidos de seda [...] ninguém possui melhores do que a ‘Formosa Paraense’. Sapatos, borzeguins e botinas tão bem e artisticamente trabalhadas que parecem feitos para algum ‘pésinho de fada’. Além disso tem um sortimento importantíssimo de chapéus enfeitados [...] da moda, na presente estação em Pariz, a grande capitão da humanidade. (CORREIO PARAENSE, 27.09.1892, p. 3).*

A crônica indica um perfil de mulher, bela, delicada, suave. uma mulher dos “pésinhos de fada”. A transição do lar às sociabilidades da vida banal ocorreu regrada por limitações para além da função social pensada e desejada para a mulher daqueles tempos de outrora. Tal construção pode ser articulada ao contexto geral das capitais brasileiras, quando houve uma

[...] invasão do cenário urbano pelas mulheres, [que], no entanto, não traduz um abrandamento das exigências morais [...] Ao contrário, quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho [...]. (RAGO, 1987, p. 63).

Mas, o que dizer das condutas sociais das mulheres de cores e das mulheres pobres em meio à tamanha efervescência? Como as crônicas enxergavam tais mulheres em meio à modernização posta em curso? Uma afronta ao progresso e à nova e pretensamente europeizada estética cidadina, diziam os cronistas. Foi o caso das lavadeiras, tão comuns ao cotidiano citadino, e que com as mudanças urbanas e de mentalidades tornaram-se um problema. Afinal, aquelas mulheres de cores ao utilizarem as praças públicas e ruas da capital para exercerem seu ofício, não apenas enfeavam a cidade, mas povoavam o meio urbano com seus vozerios e cantos, muitas vezes, segundo as crônicas, maldizendo suas patroas e afrontando os bons costumes.

Da arquitetura à moralidade, dos bons costumes à nova cultura urbana, as crônicas davam voz, eco e amplitude ao sentido civilizatório das elites belenenses, compondo um quadro que evidenciava diferenças e exclusão social. Às mulheres de cores, pertencentes às camadas pobres da população, impunha-se não apenas as margens do desenvolvimento, mas uma imagem aquém do que se julgava civilidade. Assim, as crônicas diziam existir “[...] *um grupo de lavadeiras, saía a tira-collo, acocoradas junto às tinas, se granizam, se apostrofam, se redizem em voz alta um mexerico de creada posto á conta da patrôa [...]*” (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 29.04.1885, p. 2). A exclusão social e econômica imposta a tais mulheres, transparece na invisibilidade expressa nas páginas dos periódicos. Porém, há também outro tipo de silêncio e invisibilidade que pode ser atribuído às mulheres das elites belenenses, relativo ao mundo das sociabilidades, para efeito de nossa pesquisa. Afinal, mesmo inseridas na dinâmica social e transitando cada vez mais

pelo eufórico circuito de uma cultura urbana verdejante, as mulheres eram objeto de inúmeros

[...] procedimentos estratégicos masculinos, acordos tácitos, segredos não confessados [que] tentam impedir sua livre circulação nos espaços públicos ou a assimilação de práticas que o imaginário burguês situou nas fronteiras entre a liberdade e a interdição. (RAGO, 1987, p. 63).

No cenário de uma cidade que era reurbanizada, vivendo a dinâmica de urbanização, um elemento era central: a rua. Isso implica pensar a invenção da rua naquele tempo histórico a partir do que nos ensinou Henri Lefebvre: a rua é

[...] um lugar de passagem e circulação [e também é] lugar [topia] do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados [cafés, teatros, salas diversas]. Esses lugares privilegiados animam a rua e são favorecidos por sua animação, ou então não existem. (LEFEBVRE, 1999, p. 29).

Rua: lugar de passagem, de visibilidade, circulação e encontros. Rua: lugar a ser ocupado pelas bicicletas, e pelas mulheres. Com isso, entre a liberdade e a interdição ditadas pelo olhar do patriarcado, as mulheres das elites belenenses trilham caminhos que pertencem aos primórdios da chegada do esporte moderno à capital do Grão-Pará. Então, debruçemo-nos sobre esse tema, adotando o ciclismo como fio condutor.

#### **4 “HURRAH ÀS GRACIOSAS CYCLISTAS!!”: MULHER E CICLISMO EM BELÉM DO PARÁ**

Antes de iniciarmos as discussões relativas à mulher e ciclismo em Belém do Pará ao final do século XIX, é importante ressaltar: pelo menos duas outras práticas podem ser pensadas como primórdio do esporte na capital do Grão-Pará, ambas, precedendo o ciclismo, a saber, as touradas e as regatas. Sobre as touradas, remete ao ano de 1892 a chegada das mesmas em Belém, sendo que a mulher belenense, até os anos de 1910, cumpriu apenas o papel de espectadora<sup>2</sup>. Já as regatas aportaram em Belém no ano de 1876, sendo que as mulheres também

---

<sup>2</sup> Sobre o tema, ver DIAS et al (2019)

cumpriram o papel de espectadoras até o ano de 1888, quando surgem os primeiros – e escassos – registros de mulheres na condição de atletas<sup>3</sup>.

Compondo o quadro de progresso e dinâmica de urbanização, uma máquina moderna e veloz começa a tomar Belém como palco ao final do século XIX: a bicicleta. Cabe aqui registrar que data de 1861 o surgimento do primeiro velocípede, em uma Paris cujo tecido urbano estava sendo modificado pelas reformas capitaneadas pelo Barão de Haussmann (SCHETINO, 2008). Pontue-se: “velocipedia” foi o termo inicial, sendo posteriormente também utilizado o termo ciclismo, para então, utilizar-se, já no século XX, apenas esse em detrimento daquele. Nesse sentido, em meio a um conjunto de transformações que rompiam com usos e costumes de outrora, a bicicleta passou a tomar as ruas de diversas capitais, atraindo “[...] certo número de entusiastas, obviamente, os mesmos do progresso e das transformações que estavam em curso em Paris” (SCHETINO, 2008, p. 54).

A circulação de bicicletas pela capital do Grão-Pará foi precedida por crônicas e notícias que divulgavam essa novidade, evidenciando-a como símbolo do que era ser moderno. Compondo esse momento inicial, em 1892 os jornais belenenses reproduziram, sob o título de “O velocípede”, a crônica de um higienista francês, o médico Tissié, de Bourdeaux, que teria, segundo o jornal, apresentado à sociedade francesa de biologia um conjunto de ações do

[...] velocípede sobre as principaes funcções do nosso organismo [que era] um excellente exercicio, com a condição de ser moderado [...] activando a hematose, desenvolve a capacidade vital [com seu uso] combate-se a gotta, o arthristismo [...] a obesidade etc.” (CORREIO PARAENSE, 13.12.1892, p. 2).

Ao fazer referência às mulheres, o médico francês dizia que os velocípedes permitiriam que as mesmas praticassem “[...] esse gênero de sport sem receio de acidente [...]” (CORREIO PARAENSE, 13.12.1892, p. 2). Tissié, ao dar ênfase ao risco de acidentes, ou melhor, ao ideal de não sofrer acidentes, o faz preocupando-se apenas com as mulheres, sem qualquer alusão aos homens. Outra diferença apresentada pela crônica diz respeito ao tratamento diferenciado do uso da bicicleta entre homens e mulheres, sendo recomendada a elas, no máximo, a mesma

---

<sup>3</sup> Sobre o tema, ver DIAS, SOARES (ano), DIAS et al (2019) e DIAS (2014)

quilometragem indicada aos homens iniciantes ou meninos. Desse modo, dizia-se que em um terreno plano a velocidade não deveria exceder

[...] 18 a 20 kilometros por hora para indivíduos adextrados, e 12 a 15 para os que começam. Os meninos não devem encetar esse exercicio antes dos 12 ou 13 annos [...] e até os 16 não devem passar de 15 kilometros por hora [...] a mulher não convem que ella faça marchas superiores a 12 ou 15 kilometros por hora. (*CORREIO PARAENSE*, 13.12.1892, p. 2).

É importante destacar que identificamos ter sido essa mesma crônica foi reproduzida, dez dias depois, em jornais do Rio de Janeiro, sendo que data de 1892 o início dessa prática no Rio de Janeiro, segundo Schetino (2008), ou seja, os jornais de Belém estavam atentos ao que era realidade na Europa, em especial em Paris, levando às elites belenenses informações de novidades que só alguns anos depois seriam realidade na capital do Grão-Pará. A divulgação de notícias e informações técnicas, ilustrativas e até mesmo pedagógicas referentes à prática do ciclismo na Europa, pode ser entendida como marco inicial do ciclismo na capital do Grão-Pará. Muito embora a publicação da crônica em questão date de quatro anos antes de a prática do ciclismo ter iniciado em Belém, às mulheres foi imposto um lugar irrelevante em relação ao protagonismo masculino, forjando as mentalidades coevas sobre o devir do ciclismo nas terras belenenses ao longo dos anos de 1890, como poderemos observar mais adiante em nosso artigo.

Ainda como primórdio do ciclismo em Belém, a partir de 1896 burburinhos sobre essa prática tomam conta da cidade. Em fevereiro de 1896, o jornal “Folha do Norte”, que já possuía uma coluna dedicada a notícias esportivas, a “Notas Sportivas”, publicada em boa parte das edições desse jornal no período correspondente ao recorte temporal de nossa pesquisa, passa a destacar o ciclismo, com notas e crônicas sobre o tema assinadas por um cronista sob o pseudônimo “Cyclamor”. Nem bem iniciava o ano de 1896 e se dizia que

[...] alguns cyclistas do Pará projectam organizar um centro exclusivamente dedicado ás palestras e discussões velocipedicas. N'este centro encontrar-se-ha alem do agradável convivio societario, uma 'garagem' [logar onde se guardam as machinas] uma bibliotheca cyclista, jornaes velocipedicos [...]. o Centro admite a frequencia dos socios admittidos por unanimidade, o que equivale a dizer que dentro em pouco será ali o nucleo do cyclismo *fine gomme*. A nova agremiação domina-se (sic) byclovilla e a sua iniciativa pertence o

conhecido veloceman João Marechal. (FOLHA DO NORTE, 27.02.1896, p. 1).

Decorridos alguns meses, “Cyclamor” seguia alimentando o burburinho na coluna “Notas Sportivas”. Dessa vez, ao escrever sobre as corridas promovidas pelo “Grupo Velocipedico”, disputadas no “Prado Paraense”, afirmava o cronista que uma “[...] pessoa de alta posição n’esta cidade pretende levar a efeito a construção de uma pista adequada á velocipedia e adequada a skating rink” (FOLHA DO NORTE, 17.06.1896, p. 2).

A partir dessas crônicas é possível supor que os momentos iniciais do ciclismo em Belém estão ligados a homens das elites da cidade, tão bem personificados na figura de uma pessoa de “alta posição” na cidade, bem como no “nucleo do cyclismo fine gomme”. Além disso, as fontes oferecem outro elemento para reforçar tal afirmação: as bicicletas, “machinas”, como também eram chamadas – e não à toa, uma vez que esse termo remete à modernização – naquele momento tinham um preço elevado, até mesmo para as famílias mais abastadas da cidade, por causa de

[...] pesadíssimas taxas alfandegarias sobre velocípedes [que] são as peias que mais obstam ao seu desenvolvimento no Pará. [...] de modo que paga mais o cyclista paraense pelos direitos da sua machina, do que pela propria machina em si. [...] Porque na tarifa da Alfandega não foi contemplado o velocipede! (FOLHA DO NORTE, 04.03.1896, p. 2).

Já uma realidade para as elites belenenses, e somente para elas, ainda em 1896 os jornais noticiam que o primeiro clube a adotar o ciclismo foi a “Associação Dramatica, Recreativa e Beneficente”, “[...] a única a interessar-se pelo sport velocipedico n’esta capital” (FOLHA DO NORTE, 13.06.1896, p. 1). Mesmo diante do alto custo, outros clubes passaram a incluir o ciclismo entre suas atividades, embora isso não tenha implicado em uma participação de mulheres como atletas. A “Associação Dramatica, Recreativa e Beneficente” foi o primeiro clube a incluir o ciclismo entre suas atividades em Belém do Pará, sendo também o pioneiro a realizar competições e festividades voltadas a essa prática. Uma crônica publicada em junho de 1896 traz importante registro sobre o início do ciclismo na cidade. Vejamos o que dizia uma crônica publicada em 1896:

Ha muito tempo que não víamos o Prado Paraense tão concorrido como no dia 21 corrente. Apesar de uma importuna chuva [...] a concorrência foi enorme. [...] Emfim foram por assim dizer as primeiras corridas velocipédicas organizadas n'este Estado. [...] Um bravo a todos que tomaram parte n'este torneio (FOLHA DO NORTE, 26.06.1896, p. 1).

Sobre a crônica, estacamos primeiramente que o local das competições, o "Prado Paraense" era um espaço destinado ao turfe, mas que passou a receber as provas de ciclismo, que eram chadas de "páreo", aproximando então essas duas práticas, seja por causa do local de disputa ou pela terminologia empregada. O segundo destaque diz respeito ao numeroso público que compareceu ao evento, a julgar pela crônica, o que faz supor ter sido rápido o aceite do ciclismo na capital do Grão-Pará. A rápida aceitação do ciclismo entre as elites belenenses evidencia-se no momento em que, ainda em 1896, surge um segundo clube a contar com o ciclismo, o "Velo-Club do Pará", que era assim anunciado:

Chefiado pelos cyclistas João Marechal, Leite e Silva [...] e muitas personalidades da nossa melhor sociedade vai fundar-se entre nós um novo club cyclista, destinado a levar por diante a propaganda velocipedica até aqui entregue exclusivamente ao Grupo da Associação Dramatica. (FOLHA DO NORTE, 27.08.1896, p. 3).

Ainda sobre a fundação do "Velo-Club do Pará", outra crônica dá visibilidade apenas aos cavalheiros, afirmando que estava adiantada a prática do

[...] ciclismo paraense [...] novo gênero de sport de há tão pouco tempo posto em moda por cerca de duzentos entusiastas do pedal vae a pouco e pouco proporcionando-se com vantagem [...].Tivemos ocasião de ver a lista das pessôas já filiadas á associação nascente e que comporta um numero avultado de cavalheiros" (DIARIO DE NOTICIAS, 27.08.1896, p. 1).

O ciclismo chegara em Belém e era recebido com entusiasmo pelas elites cidadinas. Em um tempo de novidades que traziam em si um quê de progresso alimentado e movido por um arrebatamento civilizatório, muitas vezes, tão intensas como efêmeras, o ciclismo parecia ter encontrado paragem. Tamanha empolgação levou ao surgimento de um jornal, ainda em 1896, intitulado "O Cyclista". Nossa pesquisa junto aos acervos de Belém não encontrou nenhum número desse jornal. Porém, a existência desse periódico está documentada no livro "Jornais PARAoaras: catálogo", publicado em 1985, que traz a seguinte descrição: "Jornal de publicação mensal, órgão do Cyclismo Paraense. 1º número: 15 de novembro de 1896" (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARA, 1985, p. 154).

Uma vez identificado que as fontes indicam o ano de 1896 como o marco inicial do ciclismo em Belém, sendo os homens das elites belenenses, tais protagonistas, o que pode ser dito em relação às mulheres? De início, ainda em 1896, coube à mulher o papel de espectadora das competições de bicicletas, ou melhor, utilizado o termo da época, dos páreos. A condição de espectadora impunha um papel bem definido: o de abrilhantar e embelezar o evento, dar graciosidade o mesmo. Para isso, cabia incentivar a participação feminina, e os jornais anunciavam que “[...] as senhoras terão entrada gratuita n’estas corridas [...]” (FOLHA DO NORTE, 13.06.1896, p. 1). Franquear o ingresso às mulheres parece ter se tornado prática comum, posto não termos encontrado registro da cobrança de ingressos às mesmas. Mesmo assim, não identificamos crônicas ou notícias que relatem a presença de mulheres das classes pobres nos páreos ciclísticos, ficando reservado às senhoras das elites tal espetáculo. As narrativas conduzem às festas ciclísticas como momentos aos quais compareciam “[...] em grande numero as damas paraenses, que foram pressurosas assistir á terceira festa cyclista do grupo velocipedico da A.D. R e B. [...] agradecimentos ás damas paraenses que embellezaram esta festa com a sua assintencia e um hurrah aos vencedores” (FOLHA DO NORTE, 26.06.1896, p. 1).

Já decorrido um ano desde a chegada do ciclismo à capital do Grão-Pará, o público feminino continuava a ser incentivado a comparecer às provas de ciclismo, sendo “[...] franca a entrada para as ex.<sup>mas</sup> senhoras e [para] os cyclistas que se apresentarem montados em suas machinas” (FOLHA DO NORTE, 22.06.1897, p. 3). Acreditamos que ao condicionar a gratuidade aos homens que se apresentassem montados em suas bicicletas, sem fazer qualquer referência a mulheres nessa mesma condição, essa nota reforça, assim entendemos, a imagem de que até aquele momento, pedalar uma bicicleta não compunha o quadro de sociabilidades da mulher belenense, sendo possível afirmar que até esse momento tal prática era restrita aos homens. Uma crônica parece delimitar esse local ao afirmar que houve em uma das primeiras corridas de bicicleta uma reta de chegada emocionante, sendo que as “[...] mãos femininas não se recusaram a palmear o valente corredor que estabeleceu o record [...]” (FOLHA DO NORTE, 24.06.1896, p. 2).

Em meio a uma dinâmica urbana então forjada, a mulher das elites continuava assídua espectadora das competições ciclísticas daqueles tempos idos, a julgar uma crônica que, ao versar a respeito de uma corrida promovida pelo “Grupo Velocipedico da Associação Dramática, Recreativa e Beneficente”, afirmou

ter sido “[...] extraordinária a animação no Prado e notava-se sobretudo a affluencia de senhoras da nossa **melhor sociedade**. Houve corridas em que o entusiasmo foi delirante [...]” (FOLHA DO NORTE, 18.08.1896, p. 2, grifos nossos).

Se os primórdios do ciclismo em Belém foram palco apenas para homens na figura de competidores, a partir de 1897 houve um primeiro alargamento no que diz respeito às mulheres nessa prática, quando as mesmas, além de espectadoras dos páreos, começaram a participar de alegres passeios ciclísticos pela cidade. Encontramos alguns registros que remetem a dezembro de 1897, sendo que primeiro alude há dois dias da publicação da notícia, dizendo que

[...] á noite reuniu-se na praça Batista Campos, grande numero de cyclists mestres e aprendizes de ambos os sexos. [...] Entre as cyclists em via de aprendizagem: Mme. Rocha Gomes, senhoritas Laredo e Lima [...] duas das mais graciosas meninas da nossa sociedade. (O PARÁ, 13.12.1897, p. 2).

Esse encontro noturno junto à praça Batista Campos parece ter ido preparatório para um passeio, que foi realizado dia doze de dezembro, e foi objeto de uma crônica, publicada dois dias depois. Afirmava-se terem se reunido às seis e meia da manhã, “[...] cerca de trinta cyclists [que] partiram em brilhante monômio para o Bosque Municipal. O petit déjeuner teve logar na Bandeira Branca, que ficou repleta de velocipedistas” (O PARÁ, 14.12.1897, p. 3). Nota-se, já nesse passeio, não apenas a presença de um bom número de ciclistas, mas fundamentalmente, a realização de um “café da manhã”, em tradução livre, indicando que esse evento foi realizado pelas, e destinado apenas às elites belenenses, compondo a cultura urbana que era posta em curso. Mais adiante, a crônica traz uma senhorita à cena dos passeios ciclísticos em Belém, devidamente acompanhada por seu pai. Sobre o passeio, dizia-se que ao chegar em “[...] S. Braz assumiu o commando da fila a senhorita Cerqueira Lima ladeada pelos campeões Soares e Marechal” (O PARÁ, 14.12.1897, p. 3).

Mesmo que apenas uma mulher tenha participado do passeio, a coluna, ao final, dizia que para “[...] a nova excursão há grande entusiasmo, devendo tomar n’ella [...] grande numero de senhoras e cavalheiros” (O PARÁ, 14.12.1897, p. 3). Três dias após essa publicação, e talvez impactado pelo sucesso do acontecimento, o presidente do “Sport Club do Pará”, assim foi noticiado, iria

[...] praticar a bicicleta, em breve. Sua filha a exma sra. D. Lalá White e seu genro o sr. Th. White, muito digno da Companhia do Amazonas, também se alistarão no regimento cyclista. Os nossos parabens o Sport Club pelo incitamento que encerra o acto de seu digno presidente, e ao sport em geral pelo alistamento dos novos cyclistas (O PARÁ, 17.12.1897, p. 2).

Eis que no final de semana seguinte realizou-se mais um passeio, o último de 1897, e dele, conforme previsto, diversas moças da sociedade belenense participaram. Assim, logo ao raiar do dia, às

[...] cinco horas e até antes, no largo da Polvora já se achavam muitos cyclistas. [...] moças de toilettes claras, rindo alegremente. É como o chilrear de nuvem de velozes passarinhos, por toda a parte se ouve o ciciar conhecido das correntes que passam nos *pignons*, ao passo que agora e logo vêm chegando uma e outra animada cyclista. [...] Conto os cyclistas: 'OITENTA E UM!'. Tal foi o numero dos incorporados ao passeio hontem: oitenta e um! O mais alto numero de cyclistas que figurou até hoje no Pará, n'uma reunião sportiva d'aquelle gênero. (O PARÁ, 20.12.1897, p. 2).

A narrativa prossegue, agora atribuindo à mulher ciclista algumas características até então ausentes das crônicas, destacando a coragem e valentia das belenenses que participaram do passeio, sem, no entanto, deixar de ressaltar a graciosidade de tais

[...] moças [que] deram ao passeio a nota alegre da sua *bavardage* encantadora. Corajosas as nossas cyclistas. Umas verdadeiras valentonas as que, não obstante o mau estado da estrada, alcançaram hontem o Bosque Municipal. Nada faltou para incutir-lhes desanimo: Manhã incerta, estrada molhada, lamacenta etc, etc. E apesar de tudo isto nada as deteve; nada. Hurrah às graciosas cyclistas!! (O PARÁ, 20.12.1897, p. 2).

Ao caráter de divertimento comum aos passeios, em 1898, foi incorporado um quê de exibição, a animar uma bela tarde dominical:

Um grande passeio de **bicycletas** floridas deve realizar-se no proximo domingo. [...]. O passeio effectuar-se-á na tarde de domingo, 8 de janeiro, partindo da praça Baptista Campos ás 5 horas, em ponto. Não são admittidas as machinas não ornadas de flores. [...] E' absolutamente vedado qualquer concorrente apressar a marcha de sua machina. [...] Lavrado o **verdictum do jury**, será lido publicamente, effectuando-se então a entrega solenne do premio concedido á bicycleta julgada como a **mais rica e brilhantemente ornada de flôres**. (O PARÁ, 05.01.1898, p. 1, grifos do jornal).

Mais que um passeio, um concurso de bicicletas, novidade que agradou as sensibilidades coevas, atraindo numeroso público e diversos clubes sociais da cidade. O sucesso foi total. Apesar das ameaças de chuva naquela tarde, o passeio contou com uma “[...] enorme multidão [...] pelas ruas do trajecto, já nos passeios, já ás janellas, com curiosidade intensa [esperava] o cortejo. Foi uma bella festa [...] e é de esperar que outra e outras sejam feitas pelo cyclismo paraense. (O PARÁ, 10.01.1898, p. 2).

Os passeios seguiram como a forma de sociabilidade da mulher ciclista em Belém durante todo o ano de 1898. Entretanto, em 1899 surgiu uma novidade: a participação feminina em uma competição de ciclismo. Com efeito, dentro da delimitação temporal de nossa pesquisa, esse foi o único registro de uma prova – ou intencionalidade de promover uma prova – destinada às mulheres belenenses. Tamanho silêncio faz supor que o final do século XIX não reservou às belenenses o papel de ciclista, no sentido de competidoras, impondo-se apenas a condição de participantes dos animados passeios de bicicleta.

Retomando o anúncio, propagandeava-se “[...] um match entre duas jovens cyclistas [...]. Os dignos promotores d’esta festa acabam de mandar preparar a pista para começarem o seu trainament as distinctas cyclistas” (O PARÁ, 24.03.1899, p. 2). Essa competição ocorreria em abril e, apesar do anunciado “match” feminino, à mulher impôs-se um lugar de menor destaque na competição, quantitativo, inclusive, já que até a publicação dessa nota, onze homens estavam inscritos e apenas duas mulheres. Com efeito, os homens disputariam provas de velocidade e de longa distância, inclusive, com apostas em dinheiro, como ocorreu na disputa em que “[...] Oswaldo Costa [desafiaria] seu colega Henrique Doares [em uma corrida de] dez quilômetros e a aposta de 500\$ contra 300\$ do sr. Soares” (O PARÁ, 25.03.1899, p. 2). Às duas competidoras coube apenas uma prova, sem a presença de apostas e sem ênfase na dimensão competitiva, diferentemente do que ocorria com os homens. Dizia a imprensa que as “[...] duas jovens cyclistas somente percorrerão duas voltas, em seu match” (O PARÁ, 25.03.1899, p. 2).

Ao longo do mês de março e início de abril, foram publicadas algumas crônicas, sempre dando ênfase aos competidores masculinos, exaltando o treinamento ao qual se submetiam e as características de cada um, destacando também a presença de um ciclista carioca. Vejamos:

[...] correrá também n'esse pareo o sympathico fluminense Gastão de Rulle que pela sua **musculatura** denota ser um corredor superior. [...] No domingo ultimo viu-se o equipe Abelard-Danim que fizeram 24 voltas n'um tempo maravilhoso [...]. (O PARÁ, 04.04.1899, p. 2, grifos nossos).

Faltando apenas um dia para o término das inscrições ao evento, era alta a adesão masculina, mas apenas duas mulheres estavam inscritas, chamando a atenção o fato de até então sequer a identidade das mesmas ser conhecida: “Até agora ainda não se póde descobrir quem são as duas jovens ciclystas que nas corridas de 23 vão disputar um match em duas voltas na pista [...]” (O PARÁ, 11.04.1899, p. 2). Sem dar visibilidade à mulher, a crônica destacava o clima de expectativa que reinava entre os amantes da modalidade e os preparativos para as corridas, envolvendo grande número de homens ciclistas. Assim, a narrativa dizia que estava

[...] o povo impaciente por ver o programa das ditas corridas. [...] Ante-hontem a influencia cyclista n'esta capital foi enorme. Cerca de uns 300 velocipedistas passeiaram pelas ruas de Belém. [...] Entre um dos grupos via-se passeiando n'um **passo forte** [...] os **intrépidos** cyclistas Mario de Souza e Pedro Costa [...]. Esses moços conservaram-se n'uma **marcha fortíssima 6 horas sem pararem**. (O PARÁ, 11.04.1899, p. 2, grifos nossos).

Às mulheres, o silêncio relativo às características de uma competição de ciclismo. Ou ainda: um tipo de visibilidade voltada apenas a características ligadas a um ideal de mulher, tais como a beleza, a graciosidade e a suavidade. Aos homens, intrepidez, força, ritmo intenso e resistência, pontuando assim características próprias da virilidade. Com efeito, certo tipo de virilidade triunfa ao final do século XIX, encontrado no esporte, incluindo o ciclismo, importante expressão. Uma virilidade em que a “[...] compacidade das carnes, a firmeza, a solidez dos músculos, o calor e a sequidade do conjunto, a densidade da fibra, a pilosidade abundante são traços remarcados” (CORBIN, 2013, p. 19).

A divulgação dos páreos ocorreu dia 18 de abril, constando oito páreos, todos disputados por homens, com provas que variavam de cinco voltas (1.225 metros), a de menor metragem, a quinze voltas (3.675 metros), mas não foi anunciado o páreo outrora anunciado para as duas ciclistas. As narrativas sobre as corridas voltam-se apenas à participação masculina, a ponto de não sabermos se a disputa entre as duas ciclistas ocorreu, foi cancelada ou se foi ignorada pelo olhar dos cronistas. Ao

longo do ano de 1899, marco temporal final de nossa pesquisa, não observamos outro registro sobre a participação feminina em provas de ciclismo, contrastando com diversas notícias sobre provas ciclísticas formadas por homens. Desse modo, a restrição acerca da participação feminina em provas de ciclismo em Belém do Pará pode ser articulada ao que ocorreu no Rio de Janeiro do final do século XIX, ou seja, “[...] ainda que tenha rapidamente se propagado o uso de bicicletas [por mulheres] nos momentos de lazer, no âmbito das competições as restrições permaneceram fortes [...]” (SCHETINO; MELO, 2009, p. 130). Assim compreendido, o ciclismo, embora tenha sido um espaço privilegiado para que a mulher pudesse adentrar os espaços públicos de uma Belém que vivia uma dinâmica de urbanização provocada pela belle époque, as limitações impostas pelo olhar masculino não foram rompidas naquele fim de século, regulando assim os papéis que cabiam ao “bello sexo”.

### **Notas de um tempo que se esvai**

A circulação de bicicletas em Belém do Pará data do início dos anos de 1890 e pelo menos até o final dessa década, apenas como uma “machina” destinada a passeios ou competições, sem que as fontes de nossa pesquisa tragam indícios do uso de bicicletas como meio de transporte ou mesmo de trabalho. Afinal, comprar uma bicicleta, nesse momento, em função do valor, era considerado caro até mesmo para elites. Além disso, adquirir uma dessas máquinas na época do Império implicava ir até a Europa, sendo que a importação se tornou realidade somente a partir de 1894 e, mesmo assim, o preço de uma bicicleta continuaria elevado (SCHETINO, 2008). Era a bicicleta, portanto, um artefato que simbolizava status, agradando sobremaneira as elites belenenses. Mas pedalar esse símbolo da modernidade era exclusividade do homem, do “sportman” naquela Belém da belle époque. Fosse em passeios ou em competições, mesmo que sob a forma de festividades, era o homem a pedalar. E mais: os primórdios do ciclismo remetem ainda a cronistas, homens que, a partir das narrativas de suas penas, foram importantes para a divulgação e difusão dessa modalidade. Destaca-se nesse sentido o cronista que assinava sob o pseudônimo “Cyclamor”, que assinava a coluna “Notas Sportivas”, no jornal “Folha do Norte”. E os clubes que foram pioneiros na prática do ciclismo? Fosse o primeiro a oferecer tal modalidade, a partir de 1896, a “Associação Dramatica, Recreativa e Beneficente”, ou o que surgiu logo depois,

ainda no mesmo ano, “Velo-Club do Pará”, a diretoria era toda composta por homens, e eram apenas homens que então pedalavam.

À modo de conclusão, cabe perguntar: qual o lugar da mulher belenense ao final do século XIX, no que diz respeito ao ciclismo? Pode-se dizer que no processo de surgimento e prática do ciclismo em Belém, não coube à mulher protagonismo. Mas pode-se dizer também que a presença da mulher nos primórdios do ciclismo em Belém foi importante para o êxito que essa prática alcançou na cidade durante o recorte temporal de nossa pesquisa. Contraditório? Pensamos que não, uma vez que a mulher belenense se fez presente nas festividades inaugurais do ciclismo na capital do Grão-Pará, e tal presença foi destacada pelos jornais coevos, como pudemos discutir ao longo da pesquisa ora em conclusão. Ou não estiveram em grande número as “damas paraenses” embelezando as primeiras corridas de bicicleta em Belém, nos idos de 1896? Se a presença da mulher, como espectadora, não fosse central aos primórdios do ciclismo em Belém, o ingresso das mesmas às competições seria gratuito, nos moldes aqui já discutidos?

Ao momento inicial da participação da mulher no universo do ciclismo como sociabilidade, seguiu-se outro papel à mulher, agora, ocupando o lugar de ciclista, mas somente em alegres passeios quem envolviam significativo número de membros da sociedade belenense. Porém, em tais passeios, as fontes indicam que a presença da mulher estava sempre associada a de um homem – fosse esse pai, irmão ou esposo. Pedalar pelas ruas de Belém em animados passeios configurou-se em importante elemento de sociabilidade da mulher naqueles tempos, alargando a inserção feminina no campo da vida banal. A considerar os periódicos por nós pesquisados, parece adequado concluir que o campo das sociabilidades, sob a figura do ciclismo, foi ocupado pelas mulheres no que diz respeito aos passeios de bicicleta, mas o mesmo não pode ser dito em reação às competições ciclísticas. Isso porque as mulheres disputaram apenas uma prova – páreo, para usar o termo da época – no período compreendido por nosso recorte temporal. Destarte, embora os jornais tenham anunciado tal páreo, não encontramos registros de que isso, de fato, tenha ocorrido.

O que poderia justificar a quase nula participação das mulheres belenenses sob a figura de competidoras nos páreos? Por que a mulher belenense não se inseriu nesse campo de sociabilidade? Buscando possíveis respostas, cabe resgatar as recomendações do higienista francês, publicada pelo jornal “Correio Paraense”,

em 1892, ou seja, antes mesmo do início da prática ciclismo na cidade: “[...] a mulher não convem que ella faça marchas superiores a 12 ou 15 kilometros por hora. (*CORREIO PARAENSE*, 13.12.1892, p. 2). Tal suporte a mentalidades restritivas que, nos primórdios do ciclismo em Belém, impuseram à mulher um lugar de espectadora e, quando muito, de participante de animados passeios ciclísticos? Analisando o ciclismo enquanto espaço de sociabilidade, a partir do recorte temporal e temático de nossa pesquisa, consideramos que tal prática aponta a inserção feminina a um conjunto de ações que compuseram a dinâmica de urbanização desenhada ao final do século XIX. Podemos mesmo supor que, às vésperas do século XX, uma Belém, devidamente integrada ao processo civilizatório que tinha Paris como referência, entendia a mulher como que compondo a nova urbanidade ali instalada, mas uma mulher tanto mais presente quanto delimitada em suas funções sociais (PERROT, 2017). Dito de outro modo, uma Belém das elites da borracha era pensada por homens e para homens, e isso inclui as sociabilidades, cabendo então às mulheres a encenação de papéis que ao “[...] mesmo tempo [...] ampliam suas possibilidades individuais e sociais [e as] encerram dentro de padrões de ser e de se comportar” (GOELLNER, 2003, p. 143).

Eis que concluimos retornando ao nosso problema de pesquisa: como a dinâmica de urbanização inseriu a mulher belenense no universo das sociabilidades a partir do ciclismo no final do século XIX? Nossas análises indicam que tal dinâmica, pensada a partir do tema mulher-ciclismo-sociabilidades, permite dizer que o lugar inicial da mulher em relação ao ciclismo foi o de entusiasmada espectadora a embelezar os eventos. Em um segundo momento, alargou-se o campo dessa sociabilidade e a mulher da elite belenense passou a praticar o ciclismo, sob a forma de animados passeios dominicais. Por fim, já às vésperas do século XX, mesmo que apenas em um páreo – que sequer as fontes pesquisadas apontam ter de fato ocorrido – a mulher passa a competir em provas ciclísticas, compondo assim um dos primórdios do esporte na capital do Grão-Pará.

## **Fontes**

### **Periódicos**

A PROVÍNCIA DO PARÁ, 29.04.1885, p. 2

CORREIO PARAENSE, 27.09.1892, p. 3

CORREIO PARAENSE, 13.12.1892, p. 2

DIARIO DE NOTICIAS, 27.08.1896, p. 1  
FOLHA DO NORTE, 27.02.1896, p. 1  
FOLHA DO NORTE, 04.03.1896, p. 2  
FOLHA DO NORTE, 14.04.1896, p. 1  
FOLHA DO NORTE, 13.06.1896, p. 1  
FOLHA DO NORTE, 17.06.1896, p. 2  
FOLHA DO NORTE, 22.06.1897, p. 3  
FOLHA DO NORTE, 24.06.1896, p. 2  
FOLHA DO NORTE, 26.06.1896, p. 1  
FOLHA DO NORTE, 18.08.1896, p. 2  
FOLHA DO NORTE, 27.08.1896, p. 3  
O LIBERAL DO PARÁ, 05.07.1870, p. 1  
O LIBERAL DO PARÁ, 15.02.1871, p. 3  
O LIBERAL DO PARÁ, 17.02.1878, p. 1  
O PARÁ, 13.12.1897, p. 2  
O PARÁ, 14.12.1897, p. 3  
O PARÁ, 17.12.1897, p. 2  
O PARÁ, 20.12.1897, p. 2  
O PARÁ, 05.01.1898, p. 1  
*O PARÁ, 10.01.1898, p. 2*  
O PARÁ, 24.03.1899, p. 2  
O PARÁ, 25.03.1899, p. 2  
O PARÁ, 04.04.1899, p. 2  
O PARÁ, 11.04.1899, p. 2

## Referências

AZEVEDO, André Nunes de. A grande reforma urbana do Rio de Janeiro: a modernização da cidade como forma de sedução estética a serviço de um horizonte de integração conservador sob a égide da civilização. In NEGREIROS, Carmen; OLIVEIRA, Fátima; GENS, Rosa (Orgs.). **Belle Époque**: crítica, arte e cultura. Rio de Janeiro: LABELLE; São Paulo: Intermeios, FAPERJ, 2016.

BEZERRA NETO, José Maia. **Escravidão negra no Grão-Pará**. Belém, PA: Paka- Tatu, 2012.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais PARAoaras**: catálogo. Belém: SECDDET, 1985.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e família em uma capital amazônica**: Belém 1870-1920. Belém: Ed. Açaí, 2011.

CORBIN, Alain. A virilidade reconsiderada sob o prisma do naturalismo. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). **História da virilidade**. Petrópolis: Vozes, 2013.

DIAS, Douglas da Cunha et al. Tourada: primórdio do esporte em uma Belém do Pará sob os acenos da modernidade (1870 a 1910). In MATOS, Lucília da Silva, BAHIA, Mirleide Char (orgs.). **Política Pública, memória e diversidade nas práticas de esporte e lazer no Estado do Pará**. Belém: Paka-tatu, 2019.

\_\_\_\_\_. Vida nas praias e esportes náuticos em uma Belém do Pará (1870 aos anos de 1920). In MATOS, Lucília da Silva, BAHIA, Mirleide Char (orgs.). **Política Pública, memória e diversidade nas práticas de esporte e lazer no Estado do Pará**. Belém: Paka-tatu, 2019.

DIAS, Douglas da Cunha; SOARES, Carmen Lucia. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no espelho das águas (do final do século XIX à década de 1920). **Projeto História** (PUCSP), v. 49, p. 19-49, 2014.

DIAS, Douglas da Cunha. **Quem te margeia conta de ti**: educação do corpo na Belém do Grão-Pará (de 1855 à década de 1920). 2014. 484 f. Tese (Doutorado). Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

FREHSE, Fraya. **O tempo das ruas na São Paulo de Fins do Império**. São Paulo: Editor da Universidade de São Paulo: 2005.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. São Paulo: Global Editora, 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Phisica**. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

HOBBSAWM, Eric John. **A era dos Impérios (1875-1914)**. 7ª. ed., São Paulo: Paz & Terra, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2004.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz & Terra, 2017.

\_\_\_\_\_. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2010.

\_\_\_\_\_. **Memórias do “Velho Intendente” Antonio Lemos**. Belém: Paka-tatu, 2002.

SCHETINO, André. **Pedalando na modernidade: a bicicleta e o ciclismo na transição do século XIX para o XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

SCHETINO, André; MELO, Victor Andrade de. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.17, n.1, p.111-34, 2009.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1989.